Revista Internacional d'Humanitats N. 71 set-dez 2027
CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

Quando o nó se faz laço: motricidade vital, judô escolar e a pedagogia do encontro

Sérgio Oliveira dos Santos[1]

Resumo: Este ensaio propõe uma reflexão sobre a solenidade de graduação de judô em contexto escolar a partir da distinção entre o nó — gesto técnico pertencente ao mundo das coisas — e o laço — vínculo afetivo e relacional pertencente ao mundo humano. Recorrendo ao pensamento de Alfonso López Quintás, a alteridade e o reconhecimento mútuo em Paul Ricoeur, à canção "Laços", interpretada por Nando Reis e Ana Vilela, e ao filme *Meu Nome é Agneta*, busca-se fundamentar uma proposta pedagógica em que a graduação se torna rito de passagem para uma aprendizagem significativa. O solo epistemológico que sustenta toda a elaboração é a Motricidade Vital, compreendida como ontologia relacional do corpo sensível em ação. A metodologia adotada é o Entrelaçamento Semântico, conforme proposto por Sérgio Oliveira dos Santos. Conclui-se que o encontro só é encontro quando o outro é reconhecido em sua alteridade.
Palavras-chave: Judô Escolar; Motricidade Vital; Vínculos; Alfonso López Quintás; Entrelaçamento Semântico; Paul Ricoeur.

Introdução: o problema do nó e o solo da vida

Há um gesto na experiência do judô, que se repete muitas vezes, e que antecede todos os outros. Antes de qualquer projeção, antes de qualquer imobilização, antes que o primeiro *ukemi*[2] seja executado, é preciso amarrar a faixa. O nó que se dá na faixa é o gesto inaugural da vivência: sem ele, o *judogi*[3] não assenta no corpo e o *judoka*[4] não se apresenta pronto para seguir com suas tarefas. O nó é, portanto, necessário. É técnico, preciso, funcional. Pertence ao mundo das coisas que se manejam, dos objetos que se dominam, dos gestos que se executam para que algo funcione. O Nó tem sua importância. Não pode ser feito de qualquer jeito, uma vez que dá mostra da organização pessoal, tem, de certo modo, um apelo estético.

Mas há outro gesto, menos visível, que percorre todo o aprendizado do judô e que não se executa com as mãos: o laço. O laço não aperta tecido; aperta destinos. Não segura o kimono; segura a relação entre duas pessoas. Não se dá sobre uma faixa; dá-se entre um professor e um aluno, entre dois parceiros de treino, entre uma escola e uma comunidade. O laço pertence ao mundo humano, ao mundo dos afetos, dos encontros, das histórias compartilhadas. O nó trata do início, o laço, de princípios. O nó é um rito de preparação, o laço aponta para histórias de vida[5].

---

[1] Pós doutor em Educação pela UEPA (Universidade Estadual do Pará); Doutor e Mestre em Educação pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo). Professor da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e da USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Membro integrante do CEMOrOc (Centro de Estudos Medievais – Oriente & Ocidente) Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e do CoMoVi (Coletivo Motricidade Vital).

[2] *Ukemi* é o nome dado às formas de cair e refere-se a um importante fundamento técnico da modalidade de judô.

[3] Nome dado a roupa utilizada na prática do judô.

[4] Aquele que pratica judô.

[5] A relação do nó, como ação técnica, e o laço, como encontro de confiança mútua é o mesmo tipo de experiência relacional relatada por aqueles que fazem escalada em montanha e que precisam atar os nós da corda que prendem uns aos outros, ação para assegurar-se e assegurar o grupo de escalada.

Este ensaio parte de uma intuição simples: a solenidade de graduação de judô escolar, especialmente num ambiente escolar, é o momento privilegiado em que o nó se revela laço. Ou, dito de outro modo: é a oportunidade de destacar que o gesto técnico, material, utilitário, se transfigura em vínculo humano, afetivo, relacional. Mas para que essa transfiguração seja compreendida em sua radicalidade, é preciso antes perguntar: o que está em jogo, no fundo, quando o nó se torna laço? A resposta que este ensaio propõe é: a vida em plenitude relacional. E é por isso propomos que a Motricidade Vital seja considerada como solo epistemológico de toda a reflexão.

O entrelaçamento semântico como método vital

A metodologia de entrelaçamento Semântico (Santos, 2025), parte da ideia de que o conhecimento se produz por conjunção de redes de sentido, e não por justaposição de informações. No artigo "Motricidade vital e as ressonâncias semânticas na era da emergência de sentidos" (Santos; Trigo; Soares, 2025b), o conceito é apresentado como abertura de desenhos metodológicos, ou seja, um processo que opera tanto na vida cotidiana como, na pesquisa, nas criações artísticas e na didática.

O entrelaçamento semântico não é um procedimento neutro: é um caminho vital na construção do conhecimento. Ele parte da premissa de que a vida é rede de sentidos, tecido de relações, entrelaçamento de âmbitos. Pesquisar por entrelaçamento semântico é, portanto, pesquisar a vida na vida, com a vida.
Neste ensaio, o entrelaçamento semântico pode ser observado em seis perspectivas, cujo solo epistemológico é a Motricidade Vital, como podemos observar na imagem:



Figura 1 - Entrelaçamento semântico: do nó ao laço. Fonte: Produzida por IA.

O ensaio não aplica um método a um objeto; ele tece sentidos entre domínios distintos, criando um âmbito de compreensão (matriz de acesso e entendimento) onde cada elemento ilumina os outros. A Motricidade Vital é o solo que sustenta e interpõe todas as demais perspectivas: sem ela, o

entrelaçamento seria apenas conexão conceitual; com ela, o entrelaçamento é expressão da própria vida que se diz em múltiplas linguagens.

A Motricidade Vital como solo epistemológico

A Motricidade Vital (MV) é um conceito proposto pelo Coletivo Motricidade Vital (CoMoVi, 2022), coletivo internacional que reúne pesquisadores do Brasil, Espanha, Portugal e Colômbia. Ela não é uma teoria sobre o movimento, nem uma metodologia de ensino, nem uma filosofia da educação entre outras. É, antes, uma nova ontologia regional — uma compreensão do ser que se enraíza na vida mesma.

A definição que o próprio CoMoVi propõe é relevante: a Motricidade Vital é a ontologia relacional do corpo/pessoa sensível em ação. Não se trata do corpo/pessoa como objeto da biologia ou da mecânica, nem do corpo/pessoa como suporte de performances, mas do corpo/pessoa-consciente que cuida e se cuida, que sente, que se relaciona, que cria mundos e expande horizontes.

Quando tratamos de olhar os processos educativos, a questão central não é somente como ensinar melhor, mas como vitalizar a existência, ou seja, como permitir que a vida flua, se expanda, se realize em plenitude.

A Motricidade Vital é, portanto, energia essencial para interagir, integrar e criar mundos. É o élan vital para dialogar e responder ao chamado da vida, um apelo à plenitude de realização co-implicada (Santos, 2017). Viver, nessa perspectiva, é viver afetuosamente, com ética, transcendência e colaboração cósmica.

A pergunta que se coloca é: por que a Motricidade Vital deve ser o solo epistemológico deste ensaio, e não apenas mais um conceito entre outros?

A resposta está no fato de que todos os elementos em destaque para nossa apreciação — o nó, o laço, o âmbito lúdico criador, a pedagogia do encontro, o filme, a canção, o entrelaçamento semântico — são, em sua raiz, manifestações da vida. O nó é um gesto carregado de sentido. O laço é um vínculo vital que transcende as virtudes. O âmbito lúdico criador é um espaço onde a vida se expande. A pedagogia do encontro é uma pedagogia da vida. O filme *Meu Nome é Agneta* narra uma vida que se transforma ao encontrar outra vida. A canção "Laços" fala de afeto, compaixão, esperança — tudo vida. E o entrelaçamento semântico é, ele mesmo, um processo vital de criação de sentido.

Sem a Motricidade Vital, todos esses elementos correriam o risco de permaneceremsolados e fragmentados: o nó seria apenas técnica, o laço apenas afeto, o âmbito apenas espaço, o encontro apenas relação, o filme apenas narrativa, a metodologia apenas procedimento. Com a Motricidade Vital como solo, todos eles se revelam como modos de a vida se dizer, se fazer e se transformar. Haja potencialização de sentido!

A Motricidade Vital e os níveis de realidade de López Quintás

A articulação entre Motricidade Vital e a filosofia de López Quintás é particularmente fecunda. Se López Quintás (2004; 2006; 2016) distingue objetos e âmbitos, a Motricidade Vital permite compreender que o corpo é o primeiro âmbito. O corpo não é um objeto que possuímos; é um âmbito que somos. É a partir do corpo-consciente que nos relacionamos com outros âmbitos, que criamos laços, que nos abrimos ao encontro.

> O homem só pode participar de realidades que ofereçam possibilidades à sua ação criadora e que recebam, em alguma medida, as possibilidades que ele, por sua vez, outorga.(...) A participação do homem na realidade que o rodeia realiza-se pela via do entreveramento de âmbitos, não do domínio dos objetos ou de realidades não-objetivas reduzidas a objetos. A atividade participativa funda os modos de unidade mais altos do

> homem com a realidade que o circunda e, consequentemente, com as formas mais elevadas de cultura. (López Quintás, 2004, p. 140)

A Motricidade Vital radicaliza, assim, a distinção de López Quintás. O nó pertence ao mundo dos objetos; o laço, ao mundo dos âmbitos. Mas o corpo que dá o nó e tece o laço é, ele mesmo, um âmbito vivo, um corpo sensível em ação. É por isso que a Motricidade Vital pode ser o solo: ela nos lembra que antes de qualquer distinção conceitual, há vida.

O nó e o laço à luz da Motricidade Vital

O nó que se dá na faixa não é um gesto puramente mecânico. É um gesto vital. As mãos que amarram a faixa são mãos vivas, que sentem o tecido, que ajustam a pressão, que buscam o conforto. O nó é técnico, mas não é apenas técnico: ele é a primeira manifestação da Motricidade Vital no judô. É a pessoa que se prepara para as vivências no tatame, que se dispõe ao encontro, que se abre para a aprendizagem.

Quando a Motricidade Vital é o solo, o nó deixa de ser um mero procedimento e se torna um rito (Terrin, 2004) de preparação para a vida. Cada nó dado é um ato de presença: o judoca diz, com as mãos, que está ali, que se dispõe, que aceita abrir-se ao inesperado.

Se o nó é gesto vivo, o laço é vínculo vital. A motricidade nos ensina que a vida não se realiza no isolamento, mas na relação. O corpo/pessoa sensível em ação não é um corpo/pessoa solitário: é um corpo/pessoa que se move com o outro, para o outro, pelo outro e em contexto.

No judô, essa percepção é evidente. Ninguém aprende sozinho. Ninguém progride sozinho. Cada queda amparada, cada projeção bem executada, cada *randori*[6] significativo é um laço vital que se tece entre dois corpos. O laço não é uma metáfora: é a realidade relacional que sustenta a aprendizagem.

A Motricidade Vital permite dizer, com precisão, o que está em jogo nesse laço: a vida que se realiza na relação[7]. Como afirma o CoMoVi, a Motricidade Vital (2022) é a matriz primordial da vida cotidiana, o élan vital para dialogar e responder ao chamado da vida. O laço do judô é uma resposta a esse chamado: é a vida respondendo à vida.

O laço como alteridade: reconhecimento e respeito

Se o laço é vínculo vital, ele não é fusão. A alteridade do outro permanece irredutível. É aqui que a reflexão de Paul Ricoeur (2014), em *O si mesmo como outro*, oferece uma contribuição decisiva. Para o filósofo francês, a identidade pessoal não se constitui no isolamento nem na dissolução do outro, mas na dialética entre ipseidade e alteridade. O sujeito só se torna si mesmo na relação com um outro que lhe é irredutível: O outro, na compreensão de Ricoeur, é a porta de entrada para o reconhecimento de si.

> É aí que a alteridade de outrem como estranho, outro que não eu, parece dever estar não só entrelaçada com a alteridade da carne que sou, mas considerada, a seu modo, como preliminar à redução ao próprio. Pois minha carne só aparece como um corpo entre corpos na medida em que eu mesmo sou outro entre todos os outros, numa apreensão da natureza comum, tecida, como disse Husserl, na rede da intersubjetividade(...). (Ricoeur, 2014, p. 385)

[6] Momento da aula onde se realiza a vivência da luta.

[7] Retomando a experiência da montanha, o nó na escalada se aprende com o outro. Outro companheiro faz e ensina a fazer. Ajuda com as suas mãos, às vezes se coloca nas costas, abraça ao companheiro para que ele sinta a corda entre os dedos. Desde esse instante o nó deixa de ser nó e se converte em laço. Já estamos unidos pela corda, já somos responsáveis conosco e com os companheiros. A corda é a nossa união, a nossa amiga, a nossa segurança, a nossa vida.

Ricoeur distingue três formas de alteridade: a do corpo próprio, a do outro humano e a da consciência moral. No judô escolar, é a segunda que se atualiza de modo privilegiado: o parceiro de treino não é um igual abstrato, mas aquele que me confronta com minha vulnerabilidade e me convoca à aprendizagem. A relação com o outro não é acidental; é constitutiva, é desejada.

Dessa constitutividade emerge o respeito. A noção de respeito modula-se como atitude que reconhece o outro como fim em si mesmo, irredutível à minha vontade. No judô, o respeito não é uma formalidade protocolar: é a condição do encontro. O outro que me projeta não é um obstáculo a ser vencido, mas um parceiro de aprendizagem cuja alteridade é condição do meu próprio crescimento. O *jita kyoei* — ajuda mútua e prosperidade comum — é a tradução, no vocabulário de Jigoro Kano (2008), daquilo que Ricoeur (2006) formula como reconhecimento mútuo. Como diz Ricoeur (2006, p. 268): "A investigação do reconhecimento mútuo pode ser resumida como uma luta entre o desconhecimento de outrem e ao mesmo tempo como uma luta pelo reconhecimento de si mesmo pelos outros".

Assim compreendido, o laço não é um afeto romantizado. É uma relação ética que se tece no reconhecimento do outro como diferente de mim — diferente que me contrapõe e me complementa. Sem alteridade, o laço seria fusão; sem respeito, seria domínio. Com alteridade e respeito, o laço é aprendizagem.

A dimensão lúdico-criadora como âmbito vital

López Quintás (2004) define o jogo criador como uma "atividade humana criadora de âmbitos". O tatame, nessa perspectiva, é um âmbito lúdico criador: um campo de possibilidades onde o praticante se abre para o novo, para o imprevisto, para a criação de sentido.

A Motricidade Vital acrescenta a essa compreensão uma camada fundamental: o âmbito lúdico criador é, antes de tudo, um âmbito vital. Não é um espaço abstrato de jogo: é um espaço onde a vida se expande. O corpo/pessoa sensível em ação não apenas joga: ele vive o jogo. Cada movimento é uma afirmação de vida, uma expressão de vitalidade.

O seminário lúdico e a luta historiada, metodologias desenvolvidas por Sérgio Oliveira dos Santos e Helder Medina (2024) a partir do referencial ontológico da Motricidade Vital, demonstram como é possível proporcionar vivências no ensino do judô que ampliem o horizonte semântico dos praticantes. Essas metodologias não ensinam apenas técnicas: elas vitalizam a experiência do tatame, transformando cada aula em um acontecimento de sentido.

A pedagogia do encontro como pedagogia da vida

López Quintás (2004; 2006) afirma que educar significa preparar o ser humano — que não é um objeto e sim um âmbito — para encontrar-se com outros âmbitos e criar diversas possibilidades de encontro. A pedagogia do encontro é, portanto, uma pedagogia da relação.

> Ser criativo significa assumir ativamente as possibilidades que a realidade ao nosso redor oferece e propiciar o surgimento de algo novo dotado de valor. É no encontro que podemos assumir essas possibilidades. Somos criativos quando criamos uma verdadeira relação de encontro. (López Quintás, 2004, p. 38)

A Motricidade Vital radicaliza essa compreensão ao afirmar que a formação humana é um ato de transcendência cooperativa. Não se trata de formatar indivíduos, mas de cultivar sensibilidades situadas mediante encontros corpóreos. O corpo/pessoa opera como âmbito ético de acesso ao mundo e à alteridade, transcendendo sua redução a suporte biológico ou ferramenta performativa.

No judô escolar, essa pedagogia se concretiza no encontro entre corpos. O professor não é um transmissor de técnicas: é um parceiro de encontro. O aluno não é um receptáculo passivo: é um corpo/pessoa sensível em ação que se abre para a relação. A aprendizagem significativa emerge, precisamente, desse encontro vital.

Entreveramento de âmbitos como entreveramento de vidas: da ficção à realidade.

O filme *Meu Nome é Agneta* narra a história de uma mulher que se sente invisível em sua própria vida. Ao deixar a Suécia e aceitar um trabalho como *au pair* na Provença, Agneta encontra Einar, um idoso excêntrico. Desse encontro inesperado nasce uma transformação recíproca: ambos entreveram seus âmbitos de vida e, nesse entrelaçamento, ambos se transformam.

À luz da Motricidade Vital, o filme pode ser lido como uma narrativa da vida que se revitaliza no encontro. Agneta não é apenas uma personagem que muda de emprego ou de país: é uma vida que estava adormecida e que, ao encontrar outra vida, desperta. Einar não é apenas um idoso excêntrico: é uma vida que se oferece como possibilidade de renovação.



Figura 2 : Filme “Meu nome é Agneta”
Fonte: https://www.blogdehollywood.com.br/streaming/enfim-eu-assisti-a-historia-pra-cima-de-meu-nome-e-agneta/#google_vignette

O conceito de entreveramento de âmbitos de López Quintás (2004) encontra, na Motricidade Vital, sua raiz ontológica. Entreverar âmbitos é, no fundo, entreverar vidas. E a vida, como ensina a Motricidade Vital, é relacional, afetiva, transcendente. Agneta e Einar não se relacionam como objetos: relacionam-se como corpos/pessoas sensíveis em ação, como vidas que se encontram.

A canção "Laços" como expressão poética da Motricidade Vital

A canção "Laços", composta por Gabriel Moura e interpretada por Nando Reis e Ana Vilela, fala de cuidado, empatia, coragem, afeto, compaixão e respeito. Fala de quem "vai à luta e segue sempre em frente". Fala de "laços de ternura e aliança" que "hão de ser a diferença". E fala, sobretudo, de esperança que vem de novo a cada novo amanhecer. Originalmente a canção presta homenagem aos trabalhadores da saúde que atenderam aos desafios da COVID. No entanto, a canção transborda essa intencionalidade pois, carrega em si, uma necessidade ontológica do cuidar.



Figura 3: Nando Reis e Ana Vilela, intérpretes da canção “Laços”
Fonte: https://web.portalsucesso.com.br/home/nando-reis-e-ana-vilela-juntos-em-lacos

À luz da Motricidade Vital, a canção pode ser lida como uma expressão poética da vida que se realiza na relação. Cada verso é um convite à vitalização semântica: a ressignificar a existência, a ampliar o horizonte de sentido, a viver com mais intensidade e mais verdade.

A Motricidade Vital define-se como "viver afetuosamente, com ética, transcendência e colaboração cósmica". A canção "Laços" diz exatamente isso, com a linguagem do coração. Não é por acaso que o refrão insiste: "só amor é capaz de dar a vida". A vida, para a Motricidade Vital, é amor em ação, é vínculo que se tece, é encontro que transforma.

A solenidade como rito de passagem vital

A solenidade de graduação de judô escolar é, por natureza, um rito de passagem. À luz da Motricidade Vital, esse rito pode ser compreendido como um rito de revitalização: não apenas uma passagem de faixa, mas uma passagem de vida. O aluno deixa uma condição e entra em outra; deixa uma etapa e inicia outra. Mas o rito só se cumpre plenamente quando reconhece a dimensão vital e relacional da passagem.

A proposta que este ensaio apresenta é que a solenidade seja organizada de modo a tornar visível a passagem do nó ao laço — e, com ela, a passagem da técnica à vida. Isso pode ser feito por meio de gestos simples e significativos:

O momento do nó. No início da cerimônia, um aluno ou o professor demonstra como se dá o nó na faixa. Uma faixa é estendida sobre uma mesa, e o nó é dado ali, sozinho, sem ninguém vestindo. O mestre de cerimônias explica: "Este é o nó. É um gesto técnico, necessário, preciso. Sem ele, a faixa não se firma. Mas o nó, sozinho, é apenas um nó."

O momento do laço. Em seguida, o professor pega a faixa com o nó e a entrega a um aluno, ajudando-o a vesti-la. Nesse gesto, o nó se torna laço: a faixa agora pertence a alguém, conta uma história, liga aquele aluno ao seu percurso e às pessoas que o acompanharam. O mestre de cerimônias pode dizer: "O que transforma o nó em laço é o encontro. O nó é objeto; o laço é o âmbito. O nó se dá com as mãos; o laço se dá com a presença. E o que sustenta tudo isso é a vida."



Figura 4 - Logo “Do nó ao Laço”. Adaptação do título do artigo onde o “Do” aponta com dupla interpretação. Como “de um para outro” assim como “Do” como caminho, que está presente na palavra Judô. Fonte: Do autor.

Os depoimentos. Um aluno e um professor falam brevemente sobre um momento em que um nó se tornou laço: uma queda amparada, um gesto de confiança no *randori*, uma palavra de incentivo nos momentos difíceis.

A canção. A canção "Laços" é apresentada — por um coral, por uma voz solo, por um vídeo com imagens dos treinos. Quando o refrão fala em "laços de ternura e aliança", projetam-se imagens de mãos que dão o nó na faixa, seguidas de mãos que se apertam, que se ajudam, que se cumprimentam no tatame.
O encerramento. Todos formam um grande círculo, de mãos dadas, e cantam juntos o refrão. O silêncio final é preenchido pela palavra "amanhecer" — que é, ao mesmo tempo, o último verso da canção e o sentido mais profundo da educação: a vida que recomeça, que se renova, que amanhece de novo.

Considerações finais: a vida que faz a diferença

A canção interpretada por Nando Reis e Ana Viela diz que "laços de ternura e aliança hão de ser a diferença". A diferença, aqui, não é apenas a diferença entre o nó e o laço. É a diferença entre uma educação que se reduz à transmissão de técnicas e uma educação que se abre para a formação de pessoas. É a diferença entre um tatame que é apenas espaço físico e um tatame que é âmbito de encontro. É a diferença entre uma faixa que é apenas tecido e uma faixa que é símbolo de vínculo. É a diferença entre uma aula que instrui e uma aula que vitaliza.

O judô escolar tem, em sua própria estrutura, a possibilidade de fazer essa diferença. O nó da faixa é o ponto de partida material; o laço é o ponto de chegada relacional. Entre um e outro, há um caminho que se percorre com confiança, com cuidado, com presença. A solenidade de graduação pode ser o momento em que esse caminho se torna visível — não para ser explicado em linguagem acadêmica, mas para ser vivido em gestos, palavras, silêncios e canções.

Assim como Agneta e Einar se transformam mutuamente no entreveramento de seus âmbitos de vida, também o judô escolar pode ser um espaço de entreveramento: professor e aluno, escola e comunidade, técnica e afeto, nó e laço. E o solo de tudo isso é a Motricidade Vital, que nos lembra que antes de qualquer conceito, há vida; que antes de qualquer técnica, há corpo; que antes de qualquer método, há encontro.

O encontro, como ensina López Quintás, é a realidade mais alta que podemos experimentar. É nele que o impossível pode acontecer. É nele que a esperança vem de novo a cada novo amanhecer. E é nele que a vida — essa vida que a Motricidade Vital nos convida a viver com afeto, ética, transcendência e colaboração — se realiza em plenitude.

O encontro só é encontro quando o outro é reconhecido em sua alteridade. O impossível que "pode acontecer" não é a fusão, mas o reconhecimento mútuo: dois si-mesmos que se tornam outros um para o outro e, nesse tornar-se, se transformam.

Se a solenidade conseguir isso, ela não será apenas uma cerimônia. Será um encontro. E o encontro, como nos mostra o filme, pode transformar uma vida inteira. Como nos ensina a Motricidade Vital, pode vitalizar a existência. E como diz a canção, pode fazer o impossível acontecer.

Referências

COMOVI - Coletivo Motricidade Vital. Motricidade Vital: uma nova ontologia regional. **International Studies on Law and Education**, CEMOrOc-Feusp, n. 40, jan-abr, 2022. Disponível em: http://www.hottopos.com/isle40/Motricidade.pdf. Acesso em: 21 out. 2026.

KANO, J. **Escritos do fundador do judô**. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores**. São Paulo: Paulinas, 2004.
LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **Descobrir a grandeza da vida: Introdução à pedagogia do Encontro.** São Paulo: ESDC, 2006.
LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **O conhecimento dos valores: introdução metodológica.** São Paulo: É realizações, 2016.

RICOEUR, P. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
RICOEUR, P. **O si mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SANTOS, S.O. O ser motrício. **International Studies on Law and Education,** CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto, n. 27, set-dez, 2017. Disponível em: **https://www.academia.edu/31883293/O_SER_MOTR%C3%8DCIO.** Acesso em 21 out. 2026.
SANTOS, S. O. Entrelaçamento semântico e eficiência algorítmica: distinções e possibilidades criadoras entre processamentos telemáticos e experiências encarnadas na produção de conhecimento. **International Studies on Law and Education** , n. 49, p. 1-15, 2025. Disponível em: http://www.hottopos.com/isle49/Sergio.pdf. Acesso em 21 out. 2026.

SANTOS, S. O.; MEDINA, H. Judô educativo e vitalização semântica: experiências de seminário lúdico e luta historiada. **Cadernos para o Professor**, ano XXXI, n. 47, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/382042839_JUDO_EDUCATIVO_E_VITALIZACAO_SEMANTICA_experiencias_de_seminario_ludico_e_luta_historiada. Acesso em 21 out. 2026.

SANTOS, S.O; TRIGO, E.; SOARES. M.G. Motricidade vital e as ressonâncias semânticas na era da emergência de sentidos. **Motricidades:** Rev. SPQMH, v. 9, n. 1, p. 108-125, jan.-abr. 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/128123584/Motricidade_vital_e_as_resson%C3%A2ncias_sem%C3%A2nticas_na_era_da_emerg%C3%AAncia_de_sentidos. Acesso em: 21 out.2026.

TERRIN, A.N. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade.** São Paulo: Paulus, 2004.

Recebido para publicação em 21-10-26; aceito em 06-11-26